

A euforia na imprensa: o movimento Diretas Já visto pelos jornais catarinenses

The ecstasy in the press: the movement “Diretas Já” seen by Santa Catarina’s newspapers

Rafaela Duarte¹

Resumo: O artigo analisa o papel da imprensa como próprio ator social durante a campanha pelo retorno das eleições diretas, observando o que o jornal deixa ver no movimento. Através de textos e fotografias dos jornais catarinenses *O Estado*, *Jornal de Santa Catarina* e *A Notícia*, percebe-se uma euforia numa ampla cobertura sobre as manifestações que se desencadearam em Santa Catarina sobre as *Diretas Já*. Aí reside a necessidade de estudar a imprensa como órgão opinativo de fundamental importância, que constrói um discurso próprio sobre determinada época.

Palavras-chave: Diretas Já, imprensa, manifestações.

Abstract: The article analyzes the role of the press as a social actor during the campaign for the return of the direct elections, observing what the newspaper shows about the movement. Through texts and photography taken from the Santa Catarina’s newspapers *O Estado*, *Jornal de Santa Catarina* and *A Notícia*, an euphoria is noticed in a wide coverage about the manifestations that took place in Santa Catarina about the *Diretas*. There lies the need of studying the press as an opinionative part of fundamental importance that builds its own speech about a given epoch.

Keywords: Diretas Já, the press, manifestations.

¹ Mestre em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Este artigo é resultado de pesquisas realizadas durante a produção da dissertação de mestrado, financiada CAPES, intitulada *Diretas Já em Santa Catarina: o movimento de redemocratização nos textos e imagens dos jornais O Estado, A Notícia e Jornal de Santa Catarina (1984)* sob orientação do Prof. Dr. Waldir José Rampinelli, no Programa de Pós-Graduação em História-UFSC. E-mail: rafaelafloripa@hotmail.com

Dia 25 de abril de 1984. O Brasil em vigília pela aprovação da Emenda Dante de Oliveira no Congresso Nacional. Manifestantes, políticos, curiosos, imprensa, todos esperavam pelo resultado da votação. Foguetes, buzinaços, passeatas, cartazes espalhados exigindo o fim do Colégio Eleitoral. Nas ruas das principais capitais do país, ouvia-se um único grito: *Diretas Já!*² Em Santa Catarina, cidades como Joinville, Blumenau, Florianópolis, Lages, Criciúma, estavam mobilizadas desde cedo, formando os comitês pró diretas.

Em Criciúma, a concentração ocorreu na Praça Nereu Ramos e contou com a presença de lideranças políticas e sindicais, como o prefeito José Augusto Hülse, deputados e vereadores do PT, PMDB e PDT. A cidade teve ainda a participação de cantores e a realização de uma tribuna livre.³ Ao mesmo tempo, na capital catarinense, a festa cívica percorreu as principais ruas do centro da cidade, concentrando a população na Praça XV de Novembro, palco histórico de manifestações públicas. Até mesmo a “diretunça”⁴, mais conhecida como a bernunça da campanha das *Diretas*, comandava do “dia do barulho”. Com o refrão “Olê, Olê, Olê, Olá, 25 de abril, no Brasil diretas já”. A população completava dizendo “Quem não votar diretas já, diretunça vai pegar”. A intenção era intimidar os parlamentares a votarem pela emenda, caso contrário, a bernunça das *Diretas* os “engoliriam”.

Após meses intensos de campanha, a emenda terminou rejeitada por não alcançar o número mínimo para a sua aprovação. Embora tivesse recebido maioria de votos dados pelos deputados federais (298 a favor, 65 contra e 3 abstenções), foi insuficiente para se atingir o quórum de dois terços exigidos para alterações da Constituição. Faltaram 22 votos para que a emenda fosse para o Senado. Devido a uma manobra de políticos contrários a redemocratização do país no momento, não compareceram 112 deputados ao plenário da Câmara dos Deputados. Em meio à confusão, ânimos exaltados e choro, milhares de pessoas se amontoaram ao redor

2 *Diretas Já* é a expressão que ficou de exigência de imediatas eleições diretas para presidente da República.

3 O ESTADO, 24/04/1984, p. 5.

4 A bernunça é um dos personagens do Boi-de-Mamão, tradição cultural presente em várias cidades brasileiras, em especial, no litoral de Santa Catarina.

do Congresso Nacional. O dia seguinte a votação da emenda gerou uma série de manifestações, num clima de descontentamento e revolta.

O ano de 1984 reabre caminho para uma nova política no Brasil. A campanha pelas *Diretas Já*, foi um importante movimento político, social e cultural para a história do país, que marca a tentativa de redemocratização eleitoral, vinte anos após o golpe militar. O povo brasileiro sentia que era a hora de manifestar sua vontade pela soberania, exigindo seus direitos políticos.

Em meados da década de 1970, o regime militar já apresentava sinais de desgaste popular, político, econômico e institucional. “Este, já abrandado, se debatia em meio à profunda crise da economia e a sucessivos escândalos gerados nos seus porões”.⁵ Segundo Rodrigues, “a campanha das *Diretas Já* existiu porque os anos que a antecederam assistiram a uma revolução subterrânea na economia, na sociedade e na política brasileiras”.⁶ Uma grave crise econômica assolava o país naquele período. Os objetivos traçados durante o governo do presidente Figueiredo, como combate à inflação, crescimento de renda e de emprego⁷, estiveram longe de ser alcançados. A disputa presidencial indireta e a crise político-institucional eram fatores determinantes para o descontentamento da população.

A campanha por eleições diretas deu um novo significado para a política do Brasil, naquele momento marcada por vinte anos de ditadura e pela falta de liberdade de expressão. Além de pressupor o envolvimento da sociedade civil como peça fundamental para seu desencadeamento, é notável também a participação da imprensa

⁵ LEONELLI, Domingos; OLIVEIRA, Dante de. **Diretas já**: 15 meses que abalaram a ditadura. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 31.

⁶ RODRIGUES, Alberto Tosi. **Diretas Já**: o grito preso na garganta. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003, p. 11.

⁷ As taxas de inflação no Brasil em 1983 possuem variação, de acordo com as estatísticas oficiais e outros órgãos responsáveis pelo cálculo. Um dos índices mais alarmantes ultrapassa os 200%, reduzindo o valor real dos salários e o desemprego subiu em consequência da redução da atividade produtiva. Segundo dados do IBGE, houve uma queda de 66,7% da oferta de empregos na indústria em relação ao ano anterior. Cf.: RODRIGUES, A. Op. Cit., p. 80.

brasileira junto à fomentação de uma opinião pública acerca da campanha por eleições diretas.

Jornais de todo o país tiveram posicionamentos diversos sobre a campanha das *Diretas Já*. Este é um importante caminho para que possamos apontar e analisar o papel da imprensa que, em certas ocasiões, se mostra uma aliada e em outras, uma opositora do Estado. “Não há poder sem imprensa, nem imprensa sem poder”.⁸ Esta frase abre a introdução do livro *Imprensa e poder*. De uma forma ou de outra, todo poder estabelecido utiliza a imprensa para criar determinadas condições de governabilidade e se legitimar perante a opinião pública. Hoje, este uso é menos coercitivo do que já foi em outros momentos, ele é exercido de formas mais sutis. Ainda assim, quando é conveniente à empresa jornalística, ela pode voltar-se contra o poder instituído e criar um discurso favorável aos seus interesses, que podem ser os mesmos da sociedade.

A tomada do poder pelos militares em 1964, não foi apenas mais um golpe de Estado na América Latina, mas havia todo um projeto definido de ocupação permanente no poder. Isso incluía, obviamente, a tomada de controle sobre os meios de comunicação. Enquanto a imprensa escrita iria sofrer fortes golpes políticos e financeiros, a recente televisão passaria por uma rápida consolidação, apoiada pela iniciativa do governo.

Os meios de comunicação de massa, ao longo do período autoritário, sofreram forte intervenção dos militares, adotando uma política de modernização do setor⁹. O ônus desse apoio e desses benefícios foi a censura e a repressão às publicações e aos jornalistas. A imprensa foi se afastando do governo à medida que a censura tornava-se uma prática comum no novo regime, em especial após o Ato Institucional n.º 5.¹⁰ Ainda assim, o comportamento dos jornais não foi

⁸ MOTTA, Luiz Gonzaga (org). **Imprensa e poder**. Brasília: Ed. da UNB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 13.

⁹ ABREU, Alzira Alves de. “A mídia na transição democrática brasileira”. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Portugal, n.º 48, 2005, pp. 53-65. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n48/n48a05.pdf>>

¹⁰ O Ato Institucional n.º 5 deu ao Presidente da República poderes para impor a censura prévia aos meios de comunicação, desde que fosse considerada necessária à defesa do regime militar. Alguns jornais tiveram suas edições apreendidas. Alguns

homogêneo. Alguns cederam às pressões da censura, outros usaram fórmulas criativas para denunciar a repressão e a falta de liberdade.

Alguns pesquisadores que trabalham no âmbito das mídias têm procurado elevar os jornais, as revistas e outros veículos de imprensa para a categoria de atores sociais, não os tomando como meros veículos de informações, transmissores imparciais dos acontecimentos. Ao longo das décadas, o jornal vem se apresentando como órgão defensor dos interesses públicos, como um agente participativo, servindo de auxílio e referência para a população, procurando mostrar a realidade de uma determinada época, se envolvendo e interferindo no cotidiano do lugar, ultrapassando as barreiras de uma empresa jornalística puramente informativa.¹¹ Nesse sentido, é preciso tomar a imprensa como força ativa, com interesses claros no processo de redemocratização.

Segundo a historiadora Maria Helena Rolim Capelato, “a reconstituição das lutas políticas e sociais através da imprensa tem sido alvo de muitas das pesquisas recentes”¹², desta forma a autora enfoca a importância dos discursos expressos nos jornais para a compreensão das ideias que circulam numa determinada época.

A cientista política Celina Rabello Duarte mostra que o processo de liberalização da imprensa contribuiu para viabilizar o projeto de abertura do regime político brasileiro, a partir de 1974. Ao analisar a instrumentalização da imprensa pelo governo militar, a autora aponta que “justamente por poder controlar indiretamente a imprensa, o Presidente Geisel sentiu-se tranquilo para retirar a censura e iniciar por aí a implantação de seu projeto político de distensão lenta, gradual e segura”.¹³

diretores de jornais e jornalistas foram presos. A partir de então, os temas políticos passaram a ser cuidadosamente censurados.

¹¹ MATA, Maria Margarete Sell da. **Jornal O Estado: uma história em construção (1915-1931)**. 1996. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996, p. 87.

¹² CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988, p. 34.

¹³ DUARTE, Celina Rabello. “Imprensa e redemocratização no Brasil”. **Dados. Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 26, n.º 2, 1983, p. 189.

Sem dúvidas, o fim da censura foi primordial para o crescimento dos meios de comunicação social, mas, ainda aos temores, a maioria da grande imprensa se engajou de forma tímida na cobertura da campanha *Diretas Já*, pelo menos inicialmente. Entretanto, durante todo o período de governo do general Geisel, continuou em vigor toda a legislação que impedia a liberdade de expressão, fator que incentivou a autocensura. Nesse período, houve avanços e retrocessos. O jornal *Folha de S. Paulo* surgiu como o primeiro grande veículo a noticiar a campanha pelo retorno das eleições diretas. A censura limitava a atuação da mídia como empresa comercial e, por outro lado, a independência jornalística tornava-se fundamental na luta pela concorrência. Esses aspectos devem ser vistos como fatores dominantes, que acabariam por levar os proprietários da mídia a se colocar a favor da redemocratização do país.¹⁴

É necessário avaliar o significado das *Diretas Já* para entender melhor os motivos que levaram boa parte da imprensa a ter apoiado o movimento. A campanha tem suas bases construídas no ano de 1983. No entanto, é no ano de 1984 que o movimento se expande e ganha milhões de aliados, inclusive com uma ampla cobertura da mídia, que exerceu forte influência junto à opinião pública em favor dessa reivindicação. Na fase final do regime militar, a grande imprensa passou a criticar com mais intensidade o governo, principalmente na questão econômica. No ano de 1983, pesquisas prévias realizadas pela *Folha de S. Paulo* já davam indício de que a população acreditava nas eleições diretas como uma saída para a crise. Segundo o Instituto Gallup, 80% das pessoas, em junho de 1983, preferiam o retorno das eleições.

Essa alteração no comportamento da imprensa, que por muitos anos respaldou politicamente os governos militares e, posteriormente aderiu ao projeto da chamada “Nova República”, precisa ser melhor analisada. É válido considerar que a maior parte dos veículos de comunicação acompanhou a onda da opinião pública, que se demonstrava desfavorável ao governo militar e apoiava agora uma campanha por eleições diretas. Essa é uma necessidade mercadológica, pois quando a imprensa acompanha o público, ela visa agradar o leitor,

¹⁴ ABREU, A. 2005. Op. Cit.

correspondendo-lhe ao gosto. Mas não só. Outro fator preponderante é a sobrevivência dos proprietários, que precisaram revisar suas políticas editoriais, para não perder a simpatia e os possíveis benefícios concedidos pelos novos donos do poder.¹⁵ Com o término da censura, a imprensa tornou-se um elemento fundamental para o concurso das forças sociais na luta pela redemocratização. Perceber a mídia como poder instituído é reconhecer a comunicação como espaço privilegiado para o fazer político.

A imprensa catarinense na redemocratização



A Notícia, 31/03/1984, p. 3

A fotografia acima traduz os primeiros meses de 1984 em praticamente todo o Brasil. Festas cívicas, passeatas, comícios, carreatas, eram esses os cenários vistos nos grandes centros do país. Na foto com legenda “A concentração pelas diretas foi o maior comício pós-revolução, da história de Joinville”, tirada e publicada pelo jornal *AN*, é possível identificar uma manifestação pública, ao encontrar elementos como palanque, faixas, cartazes, multidão. Nesse caso, o recurso visual se mostra peculiar no conhecimento da história.

Em abril de 1984 a campanha *Diretas Já* atingiu seu auge através de numerosos comícios. As manifestações tomaram as ruas das

¹⁵ MELO, J. 1986. Op. Cit.

principais cidades, obtendo apoio de grande parte da imprensa, que dedicou diversas capas e inúmeras matérias à publicação de dados sobre o movimento. *O Estado*, *A Notícia* e o *Jornal de Santa Catarina*, publicavam constantemente informações sobre onde e quando aconteceriam comícios, sobre as personalidades presentes e sobre os grupos que apoiavam a causa.

Compreender a participação da imprensa catarinense, como foco de pesquisa para esse artigo, é viável devido a quantidade de publicações que se estenderam ao longo dos quatro primeiros meses de 1984, fosse através de matérias, capas e manchetes, fotos e propagandas, quanto nas charges e editoriais. Foram registradas mais de 240 notícias sobre o movimento, sendo mais de 80 noticiadas no jornal *A Notícia*, 30 do *Jornal de Santa Catarina* e aproximadamente, 130 notícias do jornal *O Estado*. Foram encontradas dezenas de fotografias e propagandas, sendo selecionadas algumas, entre tantas, por considerar mais relevantes para a compreensão do objeto de estudo.

Para justificar a escolha dos jornais pesquisados, considero importante apresentar um histórico dos mesmos, visto que suas trajetórias podem nos dar pistas sobre seus posicionamentos através dos noticiários sobre as *Diretas Já*. O jornal *O Estado*, com sede em Florianópolis, foi fundado por Henrique Rupp Júnior e Ulysses Costa e surge no início do século XX como veículo informativo diário e popular, dizendo-se órgão defensor e articulador dos interesses públicos, constituindo-se em um agente participativo na discussão do projeto de cidade moderna que era desejado para Florianópolis.¹⁶ Por muito tempo, os jornais tiveram forte ligação com os partidos políticos. *O Estado* elogiava quem era simpático ao PSD e criticava os adversários, geralmente ligados a UDN. Essa polarização durou aproximadamente até a década de 1970, com a extinção dos partidos políticos pelo Ato Institucional nº 2, em 1965.¹⁷ Segundo Moacir Pereira, intelectual orgânico das elites catarinenses¹⁸, as décadas de

¹⁶ MATA, M. 1996. Op. Cit., p. 7.

¹⁷ BALDESSAR, Maria José; CHRISTOFOLETTI, Rogério (orgs). **Jornalismo em perspectiva**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005.

¹⁸ AGUIAR, Itamar. **As eleições de 1982 para governador em Santa Catarina: táticas e estratégias das elites no confronto com as oposições**. 1991. Dissertação

1970 e 1980 vivenciaram uma era de modernização tecnológica e um aumento da concorrência jornalística, denominada por ele como “década da profissionalização”.¹⁹

Esse conceito simbolizava o rompimento de um vínculo entre esses veículos informativos e grupos político-partidários que os criaram. Os jornais divulgavam o discurso de que são pautados pelo interesse público, comprometidos com a pluralidade de pontos de vista. O fato é que esses vínculos políticos nunca deixaram de existir, tanto que, a partir da década de 1970, os grandes empresários catarinenses avançam no sentido de arrebatar aos grupos políticos tradicionais o controle da comunicação em Santa Catarina. Na década de 1980, o jornal *O Estado* era propriedade do grupo Hoepcke, cujo sócio majoritário era o ex-governador Aderbal Ramos da Silva, então presidente do diretório municipal do PDS. No final dos anos 1990 o jornal *OE* entrou em decadência até fechar as portas nos anos 2000.

Com trajetória diferente, mas também datado no início do século XX, é fundado *A Notícia*, com sede em Joinville, lançado pelo empresário paranaense Aurino Soares, em 1923. Após sua morte, em 1944, o periódico é interrompido por dezoito meses. Em 1946, o jornal volta a circular pelas mãos de novos donos, a família do empresário Antônio Ramos Alvim, da cidade de Araquari, então denominada Paraty, e do político Aderbal Ramos da Silva, de Florianópolis, que se tornará governador de Santa Catarina.

No início da década de 1980, *A Notícia* já se destaca como liderança editorial e jornalística em Santa Catarina, sob a presidência do professor Moacir Thomazi (PDS – Joinville), eleito diretor-presidente em agosto de 1978. Foi nesse momento que outra grande modernização da empresa jornalística se intensificou, com novo parque gráfico. Ao lado de grandes empresários, encontrava-se apoio político também de Antônio Carlos Konder Reis, Jorge Konder Bornhausen e Osvaldo

(Mestrado em Sociologia), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1991, p. 248.

¹⁹ PEREIRA, Moacir. **Imprensa e Poder**: a comunicação em Santa Catarina. Florianópolis: Lunardelli/FCC Edições, 1992, p. 80.

Colin (presidente do Banco do Brasil na época, que financiou parte do empreendimento).²⁰

Em 1984 o jornal era propriedade de A Notícia S/A Empresa Jornalística, tendo como editor-chefe Artur Frederico de Ancêde, redator-chefe Luís Meneghim e como editorialista Apolinário Ternes, nome este vinculado até hoje no AN. Em 2006, o jornal foi comprado pelo Grupo RBS (também editor do *Jornal de Santa Catarina* e do *Diário Catarinense*).

Dentre todos os jornais pesquisados, o *Jornal de Santa Catarina* foi, sem dúvidas, aquele com maior modernização. Fundado em 1971, com sede em Blumenau, surgiu através da iniciativa dos empresários blumenauenses Wilson de Freitas Melro e Caetano Deecke de Figueiredo. Durante o ano de 1984, recorte temporal para essa pesquisa, o jornal tinha em sua direção os empresários Mário José Gonzaga Petrelli (membro do Diretório Regional do PDS catarinense) e Flávio José de Almeida Coelho (antigo aliado do ex-governador Antônio Carlos Konder Reis), tendo como editor-chefe Luiz Antônio Soares, que possuía forte ligação ao governo estadual. Após sucessivas crises, o JSC é vendido para o Grupo RBS em 1992.

Ao analisar o histórico de tais periódicos, é possível constatar um forte envolvimento dos empresários com políticos influentes de Santa Catarina. Essa ligação partidária possibilita a compreensão de muitas das notícias vinculadas sobre políticos catarinenses e sua implicação com o processo de redemocratização, entre eles o então governador catarinense Esperidião Amin, que sempre apresentava um discurso amigável, mas dúbio com relação às *Diretas*, pelo menos nos jornais. Outros políticos influentes do PDS também apresentaram simpatia pela campanha e isso se manifestava nas matérias.

Movimento das Diretas ganha adesão de líderes pedessistas.

O movimento Pró-Diretas em Blumenau ganhou impulso na última reunião com a adesão de Vitor Sasse, líder governista a nível regional no Vale do

²⁰ BALDESSAR, M. 2005. Op. Cit., p. 168.

Itajaí. (...) A concentração pelas diretas, em Blumenau, a pedido de políticos da região, deverá abranger todas as cidades próximas a Blumenau, iniciando com uma caminhada a partir dos bairros encerrando na escadaria da Igreja Matriz, onde as caravanas dos municípios circunvizinhos estarão reunidos.²¹

Sendo assim, apesar desses periódicos não se caracterizarem como imprensa de tendência esquerdista, não se apresentavam como difamadores da campanha pelas eleições diretas. Havia uma preocupação dos veículos em informar a população do andamento da Emenda Dante de Oliveira e divulgar o panorama nacional sobre as *Diretas*. Em diversas partes do estado, manifestações eram realizadas. Partidos de oposição ao regime militar convocavam comícios e passeatas voltadas para o debate em torno das eleições diretas no país. Nos jornais, as propagandas eram sempre convidativas, com a finalidade de chamar a população a participar do movimento.



O Estado, 30/03/1984, p. 1

²¹ **O ESTADO**, 04/03/1984, p. 3.

De acordo com a imagem acima, capa do jornal *OE* no dia 30 de março, a manifestação na capital catarinense recebeu destaque no periódico. Os comícios realizados em Santa Catarina reuniram um número significativo de pessoas que protestavam contra o regime, ocupando os principais pontos da cidade. A Praça XV e a Catedral Metropolitana, identificadas na foto, são locais de referência em Florianópolis, palco também de outras manifestações anteriores a 1984. A notícia sobre o comício prossegue na página seguinte:

Em clima de muita vibração e entusiasmo, cerca de 10 mil pessoas compareceram ontem à Praça XV de Novembro, nas proximidades da Catedral Metropolitana e do Palácio Cruz e Sousa, para dizer “sim” às eleições diretas já, na sucessão do Presidente João Figueiredo. Faixas, cartazes, músicas e chavões marcaram a festa das diretas, que contou com a presença de lideranças nacionais como Ulysses Guimarães, Luis Inácio Lula da Silva, Doutel de Andrade [...] ²²

No evento realizado no dia 29 de março de 1984, Florianópolis recebeu a presença de importantes figuras políticas, envolvidos na campanha desde o início. Uma dessas conseqüências foi a participação, cada vez mais efetiva, dos catarinenses na campanha. O número de manifestações aumentou, principalmente no mês de abril, expandindo-se em diversas cidades do estado, como pode ser observado nas matérias abaixo:

Em Blumenau, maratona das diretas é sucesso. O festival de Páscoa promovido pela Secretaria de Turismo da prefeitura, (...) acabou mesmo se transformando em novo ato pela concretização das diretas já, quando cerca de duas mil pessoas disputavam o melhor lugar para ver de perto a entrega de prêmios aos vencedores da maratona promovida pelo comitê pró diretas. ²³

²² **O ESTADO**, 30/03/1984, p. 2.

²³ **A NOTÍCIA**, 17/04/1984, p. 3.

Ainda que o público catarinense presente nas manifestações, não fosse comparado em números, ao público de outros estados, não significa que o movimento aqui fosse menos legítimo. As palavras de ordem em todos os cantos do Brasil eram sempre as mesmas: eleições diretas já. Os comitês pró diretas espalhados pelas principais regiões de Santa Catarina apostaram em comícios, festas cívicas, visando atrair o maior número de manifestantes possível. Entre os meses de janeiro à abril, eram constantes as notícias, inclusive nas capas dos jornais, de importantes eventos favoráveis a campanha. Seguem abaixo, títulos de matérias que anunciavam o sucesso das manifestações pelo estado:

“Manifestação reúne 15 mil em Balneário Camboriú”.²⁴

“Cada vez mais público nos comícios pelas diretas”.²⁵

“Comício das diretas atraiu 5 mil pessoas e alcançou objetivos”.²⁶

Ao utilizar os periódicos como fontes, percebendo aquilo que se tornou notícia, alguns pontos devem ser observados, tais como: quais as motivações que levaram os jornais a dar publicidade a algo? Quais critérios para tal fato se tornar notícia? Em que espaço do periódico se deu a publicação, se foi uma manchete ou um noticiário nas páginas internas? Tudo isso significa que o espaço ocupado pela notícia informa muito da intencionalidade dos responsáveis pela publicação. Nessa análise, compreendem-se também as dimensões da imagem na pesquisa historiográfica, tendo em vista que a fotografia de imprensa se constitui em fonte para as pesquisas com os periódicos, pois não só as palavras informam, as imagens também tem a propriedade de expressar muitos posicionamentos sobre o assunto que se queria historiar.

Ao pensar na estrutura de um jornal, é preciso considerar que o jornalismo opinativo comporta, até mesmo por questões de mercado, diferenças de perspectivas na apreensão da realidade dos fatos, promovendo a circulação de visões diversas. Segundo Melo:

²⁴ **A NOTÍCIA**, 15/01/1984, p. 3.

²⁵ *Idem*, 25/02/1984, p. 3.

²⁶ **JORNAL DE SANTA CATARINA**, 27/03/1984, p. 9.

A manifestação da empresa aparece oficialmente no editorial, através da seleção, destaque e titulação das matérias. Há também a opinião do jornalista, que se transmite em forma de comentário, resenha, coluna, crônica, caricatura, charge e artigo. Em alguns jornais aparece a figura do colaborador, que pode ser uma personalidade representativa da sociedade, e se expressa em forma de artigos. Por fim, encontra-se um espaço aberto para o leitor, que encontra expressão permanente através da carta.²⁷

Analisando os gêneros opinativos disponíveis em grande parte dos periódicos, vimos que a imprensa deixou de ser empreendimento individual e se tornou instituição, assumindo caráter de organização complexa, contando com equipes de posicionamentos diversos e até mesmo conflitantes. Dessa forma, as funções do jornal e do jornalista enquanto atores sociais, concebidos como leitores da contemporaneidade, emissores e receptores, são eles os responsáveis por fazer circular tanto a difusão, quanto a construção e a apropriação das mensagens. Assim, os jornais vão definindo a sua maneira de pensar conforme a situação permite, ou seja, de acordo com os rumos dos acontecimentos ocorridos no governo e na sociedade civil.

As notícias utilizadas aqui como fontes, não apresentavam dados que desconsideravam o movimento. Pelo contrário, havia a intenção em deixar o leitor sempre a par dos acontecimentos, inclusive informando os prováveis políticos favoráveis ou não as *Diretas*. Não caracterizando como um ato de baderneiros, aos poucos a campanha ganhou uma atenção especial da imprensa, devido a sua amplitude nacional e sua importância para a redemocratização eleitoral do Brasil. Como detentora de uma dimensão emblemática, suas mensagens circularam e foram apropriadas de formas diferenciadas, e adquiriram significados múltiplos.

Durante as *Diretas Já*, foi possível verificar a imperiosa participação dos múltiplos grupos que, ativamente ou apenas verbalmente, se demonstraram favoráveis às eleições. A medida que a

²⁷ MELO, J. 2003. Op. Cit., p. 102.

ideia da campanha amadurecia, diversos atores sociais agregavam-se ao movimento, fortalecendo-o através de suas manifestações, na tentativa de pressionar o Congresso para que votassem positivamente.

Em Santa Catarina, encontramos a participação de renomadas instituições que apoiaram a causa, tendo em vista seus interesses com o fim da ditadura militar no Brasil. A própria CNBB, que havia se posicionado favorável ao golpe de 1964, estava agora na luta pelas eleições diretas. Segundo Eder Sader, logo após o golpe militar, a Igreja sofreu forte repressão, sobretudo, nos grupos com iniciativas mais populares. Durante o governo ditatorial, diversos religiosos se viram perseguidos, muito deles exilados ou mortos. Na década de 1970 a instituição da Igreja que estava em crise, perdia sua influência junto à população, vendo nas comunidades de base uma alternativa para retomar o apoio popular, participando ativamente nas comunidades, tanto na zona rural quanto na periferia das grandes cidades.²⁸

Pastoral de Florianópolis apoia diretas.
O Conselho de Pastoral da Arquidiocese de Florianópolis distribuiu nota ontem à imprensa, assinada pelo mons. Valentim Loch, Vigário-Geral, manifestando-se em favor do imediato restabelecimento das eleições diretas para Presidente da República.²⁹

Com a ampliação da campanha por eleições diretas e da possibilidade do fim da ditadura, a Igreja viu uma saída e uma oportunidade de ampliar sua participação e influência sobre a população, atuando nos movimentos com maior liberdade, sem a repressão do regime militar.

A presença e atuação de mulheres brasileiras nas lutas democráticas também têm sido alvo de constantes estudos. Nas últimas décadas, os movimentos sociais no Brasil iluminaram novos campos de

²⁸ Para compreender melhor a atuação da Igreja Católica nas Comunidades Eclesiais de base (CEBs), ver: SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena:** experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988

²⁹ **O ESTADO**, 16/03/1984, p. 3.

conflito e trouxeram à tona novos atores sociais.³⁰ As mulheres, até então silenciadas no espaço privado, trouxeram para a esfera pública suas experiências e necessidades, organizadas através de movimentos de caráter distintos, em especial, no período da transição democrática brasileira. Esses movimentos tinham propostas diversas. Alguns grupos de mulheres estavam focados na questão das necessidades dos bairros, outros relacionados ao sindicalismo, outros específicos da questão feminista, outros ainda, estavam ligados aos partidos políticos.

Em Santa Catarina, verificamos a importante participação das mulheres na luta pelo movimento *Diretas Já*. Elas estavam organizadas em prol dos direitos da mulher e da redemocratização do país, tendo como espaços de ação, principalmente, os partidos de oposição. A atuação dessas mulheres nos movimentos das décadas de 1970 e 1980 trouxe algumas novas questões, que se refletiram também nas manifestações pelas eleições diretas. Criaram formas de organização autônomas, onde diferentes lugares, como praças e ruas, tomaram novos significados, tornando-se espaço de luta, de reivindicação.

Mulheres fundam Núcleo no PMDB.

A partir das 10 horas de hoje, o Núcleo Municipal das Mulheres do PMDB estará promovendo o Dia Internacional da Mulher com apresentações do Grupo de Teatro “Unidade Móvel”, distribuição dos jornais Mulherio (feminista) e Lutas da Maioria (PMDB), além da venda de plásticos, camisetas, chaveiros e outros objetos com slogans pelas Eleições Diretas.³¹

O Núcleo fundado por mulheres do PMDB na capital, ao mesmo tempo em que discutia a condição feminina, organizando as comemorações do Dia Internacional da Mulher e distribuindo jornais sobre a luta das mulheres, aproveitou para debater em torno das *Diretas Já*. Por meio de diferentes formas, atuando em múltiplos lugares, as mulheres, organizadas em grupos ou não, também se engajaram na luta

³⁰ HELLMANN, Michaela (org). **Movimentos sociais e democracia no Brasil**: sem a gente não tem jeito. São Paulo: Marco Zero, 1995, p. 78.

³¹ Idem, 08/03/1984, p. 14.

da maior parte da população brasileira naquele momento, acreditando que com o retorno da democracia, possivelmente o espaço de intervenção política seria ampliado.

É preciso considerar que a campanha não foi importante apenas pelo número de pessoas que participaram, mas também pela agregação de múltiplas instituições e grupos distintos, que atuaram por diferentes motivações. A Associação Catarinense de Medicina de Santa Catarina se manifestou favorável as *Diretas*, de uma forma bastante atrativa. Através de um painel intitulado “Painel das Diretas”, instalado em frente a ACM, localizada na rodovia SC-401, em Florianópolis, relacionava a posição de cada um dos parlamentares catarinenses sobre as eleições diretas. O então presidente da Associação, Luís Carlos Espíndola, justifica dizendo que “estamos até prestando um favor aos deputados levando ao conhecimento da opinião pública o que eles pensam de importantes questões nacionais”.³²

Em Florianópolis, uma manifestação curiosa de um empresário chamou a atenção em dezembro de 1983, como podemos verificar na imagem a seguir:



A eleição simulada: em primeiro Brizola, seguido por Tancredo Neves e Ulysses Guimarães.

O Estado, 20/12/1983 p. 5

A iniciativa do comerciante Lauro Alcântara Martins, proprietário da Ótica e Relojoaria Maurícios, de simular uma eleição

³² **O ESTADO**, 13/03/1984, p. 7.

para presidente, levou centenas de pessoas a uma urna eleitoral no centro da capital. A fotografia acima apresenta populares em uma rua bastante movimentada de Florianópolis e duas pessoas manejando a urna, que se encontra posta sobre um cartaz que traz como dizeres: “A ótica Maurícios abre teus olhos. Em 84 pelas diretas”. A imagem se interliga com a notícia que vem a seguir, esclarecendo a manifestação do empresário:

Pensei que esta eleição simulada poderia contribuir para que a nossa população crie uma consciência política mais efetiva. O povo tem que ir à rua, ocupar as praças públicas, como aconteceu na Argentina, e com uma manifestação popular, pressionar o Governo a restabelecer as eleições diretas.³³

Sendo assim, a campanha *Diretas Já* foi muito além dos limites político-partidários. Em Santa Catarina, a sociedade civil representada pelas entidades de classe, de organizações sociais, de associações diversas, ou mesmo pessoas sem vínculos associativos, se uniram nas mobilizações pelo estado. Levantaram bandeiras e formas de organização próprias na luta pelas eleições diretas e contra a ditadura.

Uma questão bastante observada durante a campanha no Brasil foi a incorporação de festas populares onde, nos diferentes ambientes comuns de encontros, organizavam-se manifestações de naturezas diversas. Eram passeatas, comícios, mobilizações em jogos de futebol, entre outras formas, que se tornaram decisivas para a extensão da campanha, fortalecendo o movimento com a participação de distintos segmentos da população. A importância do uso dos símbolos, elementos culturais, ao nível da representação visual³⁴, desempenham um papel significativo na adesão da população ao movimento.

³³ Idem, 20/12/1983, p. 5.

³⁴ RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 351.

O movimento “Diretas Já” pode ser analisado pelo ângulo puramente estrutural, ou seja: a dinâmica fria das forças sócio-políticas em conflito e a crise institucional do regime militar. Mas podemos analisá-lo, também, sob a ótica cultural: um conjunto de manifestações que se apropria e reelabora uma série de representações simbólicas e traduzem uma dada historicidade.³⁵

A partir dessa consideração feita por Napolitano de Eugênio, busco indicar algumas possibilidades dessa abordagem dentro do movimento *Diretas Já* em Santa Catarina, compreendendo algumas das manifestações culturais que se desenvolveram, em prol das eleições diretas no Brasil. Muitas das manifestações foram unânimes em todo o país. Elementos culturais de várias cidades do Brasil foram incorporados ao movimento, com o intuito de fortalecer e legitimar a campanha, se mostrando popular e heterogêneo. Assim como em todo o Brasil, Santa Catarina também registrou importantes momentos de luta em torno da campanha. Foram selecionadas algumas manifestações culturais e suas representações, entre tantas possíveis, que o movimento *Diretas Já* desencadeou no estado.

Durante o mês de março de 1984, o jornal *OE* publicou diversificadas notícias sobre o carnaval. Entre essas, os *slogans* da campanha foram muito presentes. Figurando dentre os acontecimentos da festa, o movimento político ia ganhando espaço também no jornal:

³⁵ EUGÊNIO, Marcos Francisco Napolitano. “Representações políticas no movimento Diretas-Já”. **Revista Brasileira de História: Representações**, São Paulo: ANPUH/contexto, vol. 15, n.º 29, pp. 207-219, 1995p. 217.



Jornal de Santa Catarina, 06/03/1984, p. 16.

As manifestações por eleições diretas ganharam espaço por todo o Brasil, e a festa do carnaval levava o povo às ruas e avenidas de várias cidades brasileiras. Na foto acima, publicada no *Jornal de Santa Catarina*, intitulada “Diretas puxam o Carnaval”, percebemos foliões com adereços carnavalescos e um cartaz escrito “diretas 84”. É apresentada na imagem uma frase simbólica, que retoma a principal agenda política de 1984, a votação da Emenda Dante de Oliveira. A festa do carnaval, juntamente com a festa das diretas, aparece em outros registros nos jornais, como a matéria apresentada abaixo:

Grito do Povo

No Sábado de Carnaval, quando maior era a festa no calçadão da Felipe Schmidt, um grito de guerra tomou conta dos foliões e partiu da boca dos componentes do bloco das diretas, logo aderido pelos componentes do Lic-Gay, bloco do Lira e demais carnavalescos.

_ Um, dois, três, quatro, cinco, mil, queremos eleger o presidente do Brasil. Era a voz e o cheiro do povo pedindo pelos seus direitos.³⁶

³⁶ **O ESTADO**, 08/03/1984, p.17

O grito de guerra citado acima era um dos muitos que se ouvia durante a campanha. O ano de 1984 foi, sem dúvidas, o carnaval das *Diretas*. A população foi as ruas extravasar seus sentimentos e demonstrar o desejo de escolher, sem intermediários, o Presidente da República.

O aspecto mais marcante da campanha das *Diretas* foi, sem dúvidas, a capacidade de trazer novamente à cena política, as grandes manifestações populares. À medida que o movimento ampliava, o espaço utilizado para as mobilizações se expandia, tomando formas diversas. Novos lugares foram ocupados, outros se resignificaram, e assim, foi se constituindo esse admirável movimento na história do Brasil. É curioso notar as especificidades das manifestações entre os catarinenses, que utilizaram símbolos da cultura popular do estado para reafirmar o apoio a campanha.

A importância de incorporar as festas populares, as manifestações nos jogos de futebol, os ambientes comuns de encontros, onde se organizavam as passeatas e os comícios por todo o estado, foram decisivos para a extensão da campanha pelas *Diretas Já*, fortalecendo o movimento com a participação dos diversos segmentos da população brasileira.

No jornal *A Notícia*, principal veículo de comunicação em Joinville, vinculou-se diversas manifestações durante o carnaval, sempre envolvendo o tema da campanha. No mês de março, o título da matéria noticiava “Baile das Diretas abre o carnaval em Itajaí”. Ao longo da reportagem, o jornal apresenta toda a programação do evento.³⁷ Em diversas cidades, a temática relacionada à política brasileira não deixava dúvidas de que aquele carnaval foi um dos mais politizados. Outra importante manifestação catarinense pode ser observada na imagem abaixo:

³⁷ A NOTÍCIA, 02/03/1984, p. 7

O Estado, 25/04/1984, p. 3



Além de o carnaval ter sido bastante representativo na campanha devido sua adesão nacional, outro importante símbolo da cultura popular do Brasil, muito significativo na cultura do litoral catarinense também se fez presente nas manifestações. A “Diretunça”, como ficou conhecida, era a bernunça da campanha das *Diretas*, que comandava as passeatas que percorriam as ruas de Florianópolis. A fotografia, que traz a legenda “Capital faz sua convocação final lançando Diretunça”, foi destaque na terceira página do jornal *OE*, onde se nota, logo a frente, o elemento cultural regional e a população que acompanha a “festa cívica”. A imagem apresenta uma população expressiva nas ruas da cidade, com muitos cartazes e faixas com dizeres em prol do movimento nacional. Manifesto realizado em pleno dia, o que nos mostra que muitos abdicaram de um dia de trabalho e/ou estudo, para se declarar favorável a causa.

Para os estudos dos diferentes gêneros de história, as imagens são documentos peculiares cujo potencial deve ser explorado. Seus conteúdos, entretanto, não devem ser entendidos como meras ilustrações e complementos dos textos que as seguem. Os periódicos utilizam-se frequentemente de fotografias para ilustrar alguma situação noticiada e considerada relevante para a sociedade. Mas a fotografia, além de ser um resíduo do passado, bem como os documentos escritos, é também um testemunho visual que possibilita uma série de dados

reveladores, muitas vezes não identificados na linguagem escrita.³⁸ De acordo com essas considerações, podemos observar a imagem a seguir:



O Estado, 22/04/1984, p. 9

A fotografia acima traz um boneco amarrado a um poste, rodeado de pessoas, em plena semana da Páscoa. Devido sua data de publicação e de alguns elementos comuns, essa imagem nos lembra a tradição católica da malhação de Judas, que acontece sempre aos sábados de Aleluia, um dia antes da Festa da Páscoa, representando a zombaria do traidor de Jesus Cristo, segundo a história bíblica. Ao longo dos anos, a figura de Judas tem tomado outros significados, sendo, muitas vezes, substituído por outros personagens também considerados traidores do povo. Foi o que aconteceu em Florianópolis na Semana Santa de 1984. Muitos pontos da Ilha ainda conservam essa tradição. Com o nome de Arnaldão, o Judas do bairro Costeira, em Florianópolis, foi surrado e depois incinerado pelos moradores.

³⁸ KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Editora Ática, 1989, p. 99.

Para muitos da região, a tradição de malhar o Judas naquele ano foi dirigida aos personagens políticos, em especial, aqueles contrários as eleições diretas. Além de se utilizar os elementos da cultura brasileira, o protesto assumiu novas formas de ação. “Longe de ser percebida como uma contradição, o amálgama entre a festa e a política expressava o sentimento de reconquista de um espaço público despolitizado pelo regime militar (as ruas e praças)”.³⁹

As formas simbólicas que a campanha política se revestiu no movimento *Diretas Já* foram muito criativas e diversificadas. Elementos culturais de várias cidades do Brasil foram incorporados ao movimento, com o intuito de fortalecê-lo e legitimá-lo, mostrando-se popular e heterogêneo. Tudo se tornou pretexto para pedir as *Diretas*: festas, jogos de futebol, prévias eleitorais e shows de artistas, todos abriram espaço para as diferentes manifestações em prol do movimento. O papel da imprensa merece destaque nesse processo, visto que por meio de notícias e imagens singulares, ela captava e ampliava o caráter festivo da campanha. Para Napolitano de Eugênio, “a política surge para o historiador como um espaço de reelaboração cultural, onde a consciência social se faz e se desfaz”.⁴⁰

No dia posterior a votação da emenda, como não podia ser diferente, a imprensa deu ênfase ao resultado no Congresso. A matéria publicada no *AN* registrava a participação dos catarinenses na campanha no dia dedicado às grandes manifestações.

Santa Catarina mobilizada pelas eleições diretas. Ocorreram em todo o Estado, manifestações em favor da aprovação da Emenda Dante de Oliveira, que restabelece eleições diretas já para presidente da República. Em Florianópolis, Joinville, Lages e Blumenau, os comitês pró diretas efetivaram programações que enfatizaram a vontade popular pelas diretas já.⁴¹

³⁹ EUGÊNIO, M. Op. Cit., p. 213.

⁴⁰ EUGÊNIO, M. Op. Cit., p. 217.

⁴¹ **A NOTÍCIA**, 26/04/1984, p. 3.

Mesmo após a votação negativa do dia 25 de abril, para além da perplexidade que se seguiu à rejeição da emenda, os brasileiros seguiram a agenda das *Diretas*, recolocando em pauta a questão das eleições e retomando as manifestações. Em um comício que contou com a presença de poucas lideranças políticas nacionais, devido às demais manifestações no país, o objetivo principal era obter respaldo no Congresso, já que a oposição precisava apenas de maioria absoluta para aprovar a votação em separado do artigo 183 da emenda do governo, que pretendia restabelecer as eleições diretas somente em 1988.

Contudo, ao final desse processo, a oposição não conseguiu o pleito desejado e acabou enfraquecendo sua manobra junto ao Congresso, abrindo espaço para as negociações entre lideranças oposicionistas e do governo. Ao reconhecer o papel dos movimentos sociais na história do Brasil, sobretudo o das *Diretas Já*, ainda que derrotado, foi de fundamental importância no sentido de mostrar a capacidade de mobilização da sociedade brasileira e seu repúdio, naquele momento, às regras da ditadura militar. Mas, passado a votação e os dois meses seguintes, houve poucas manifestações por eleições diretas no país. Pensando nisso, de que forma podemos analisar a reação popular frente à derrota da emenda? É possível considerar uma passividade do povo brasileiro ou um respeito às normas “democráticas”?

Verificamos que a utilização da imprensa como fonte, não se limita a pesquisar um ou outro texto isolado, mas antes requer uma análise detalhada sobre seu lugar de inserção e delinea uma abordagem que faz da imprensa, fonte e objeto de pesquisa ao mesmo tempo. O jornal, como fonte histórica, continua sendo um vasto corpo documental para a pesquisa, abrindo amplas possibilidades para pensarmos a sociedade e suas relações. Não se limita a narrar os fatos, mas participa da produção da imagem que compomos da realidade e do cotidiano.

Artigo enviado em julho de 2013; aprovado em novembro de 2013.